

# A “MODERNIDADE” ANUNCIADA PARA O ESPAÇO DE MORADIA DOS POBRES DO BAIRRO DO RECIFE - PE

Nancy Siqueira NERY<sup>1</sup>

Alcindo José de SÁ<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta, em linhas gerais, os conceitos de modernidade e pós-modernidade, tratados por alguns autores, e discute como esses conceitos podem ser incorporados ao debate da inclusão sócioespacial, proposto no “Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da Comunidade do Pilar” (PRUISCP) em Recife. Esse trabalho também indaga em que medida e com quais condições as modificações físicas projetadas e as ações programadas, para a Comunidade do Pilar, garantirá o acesso dos seus moradores a “era moderna” e ainda como poderá contribuir para permanência deles na área depois da requalificação.

**Palavras-chave:** Modernidade, pós modernidade, inclusão socioespacial, comunidade do Pilar.

## ABSTRACT

This article presents, in general lines, the concepts of modernity and post-modernity discussed by some authors, and discuss how these concepts it can be incorporated to the discussion of socioespacial inclusion, proposed in the “Program of Town Planning Requalification and Inclusion Social of the Pilar Community” (PRUISCP) in Recife. This paper also inquires in which measure and with which conditions the physical projected modifications and planned actions, for the Pillar Community, it will guarantee the access of the residents to “modern era” and still how it will be able to contribute to their permanence in the area after the requalification.

**Key words:** Modernity, post modernity, inclusion socioespacial, Pilar community.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe incorporar os conceitos de modernidade e pós-modernidade, na discussão a cerca da inclusão sócioespacial dos moradores pobres do bairro do Recife. Esses conceitos foram debatidos nas disciplinas: Espaço e Modernidade e Por Uma Nova Economia Política, ministradas pelo professor Doutor Alcindo Sá, do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A partir das referências apresentas pelas disciplinas e ainda se fazendo uso de outras leituras, entendidas como complementares, esse trabalho lança um olhar sobre o

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: nerynancy@gmail.com.

<sup>2</sup> Prof. Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE. E-mail: alcindo-sa@uol.com.br.

“Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da Comunidade do Pilar (PRUISCP)” elaborado para o Setor de Renovação Urbana<sup>3</sup> do bairro do Recife e anunciado pela Prefeitura do Recife em 2007 como uma proposta de transformação das condições atuais do lugar.

O desenvolvimento do trabalho se inicia com uma tentativa de síntese a cerca dos conceitos de modernidade e pós-modernidade. A partir daí procura entender se, e como a “modernidade” incide sobre as propostas de transformação do espaço dos pobres, moradores do bairro do Recife. Tenta, também, identificar como os referidos moradores estão retratados e serão incorporados aos espaços “modernizados” propostos pelo programa.

### **1.1. A Cidade Modernista**

A modernidade se apresenta como uma ruptura e uma revolução em vários âmbitos. Como revolução econômica, minimiza a dependência de um sistema econômico sustentado, prioritariamente na agricultura e ativa uma economia de intercâmbio. Consolida o sistema capitalista, sustentado no lucro e na exploração dos recursos natural, humano e técnico.

Como revolução política, a modernidade promove o Estado moderno, atento a sua própria prosperidade econômica e organizado, segundo critérios racionais de eficiência. A modernidade, portanto, consolida a classe burguesa e promove o processo econômico capitalista (GUIZZE, 2005 p.1). Segundo Habermas (HARVEY, 2007, p.23), o projeto da modernidade surgiu durante o século 18, tendo como pressuposto o domínio científico sobre todas as coisas presentes na realidade cotidiana - tanto sobre os aspectos naturais como sobre os sociais. A era moderna tinha a pretensão de “salvar” a humanidade dos enganos que a envolvia no seu processo de socialização. Como descreve o texto a seguir:

O domínio científico da natureza prometia liberdade de escassez, da necessidade e da arbitrariedade das calamidades naturais. O desenvolvimento de formas racionais de organização social e de modos racionais de pensamento prometia a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, liberação do uso arbitrário do poder, bem como do lado sombrio da nossa própria natureza humana. Somente por meio de tal projeto poderia

---

<sup>3</sup> O Setor de Renovação Urbana, onde está o Pólo Pilar, é um dos três setores do bairro, resultante da divisão feita pelo Plano de Revitalização do Bairro do Recife em 1998.

as qualidades universais, eternas e imutáveis de toda a humanidade ser reveladas (HARVEY, 2007, p.23).

Um dos reflexos mais evidentes dessa crença no “domínio”, sobre todas as coisas, foi à concepção da cidade modernista. O fascínio pela máquina, símbolo da industrialização, fez com que fossem incorporados os princípios da produção industrial, principalmente da padronização, para a construção das cidades. A partir de então, se teve a pretensão de criar modelos que determinassem a forma de morar, tanto para a unidade habitacional quanto para os espaços públicos e, em várias situações, a forma de viver. Essa forma de morar, industrializada, padronizada, seria universalizada, segundo os modernistas urbanos, capaz de proporcionar aos habitantes da cidade uma condição de vida padrão. No Brasil, alguns arquitetos projetaram e construíram habitações coletivas fundamentados nessas idéias, como mostra a Figura 1.



**Figura 1.** Conjunto Residencial do Pedregulho – São Cristóvão, RJ. Arquiteto Affonso Eduardo Reidy, 1948. Fonte: [www.flickr.com/photos/fotocity](http://www.flickr.com/photos/fotocity). Acessado em 17.11.2009.

Para Le Corbusier<sup>4</sup> a modernidade prometia um padrão de eficiência na construção das cidades. Segundo ele, era preciso estudar uma forma que respondesse as necessidades fisiológicas e estéticas do homem: para os banhos, para receber o sol, a água fria e a quente. A temperatura dos ambientes deveria ser adequada, assim como a conservação dos alimentos, tudo isso com higiene e beleza, satisfazendo todas as funções da casa e para todos. Era preciso, portanto, chegar a um tipo, universal o bastante, que pudesse ser revendido ou alugado facilmente. O homem deveria poder seguir essas oportunidades sem muitos empecilhos, lhe seria disponibilizado uma casa-tipo, com móvel-tipo. Era

---

<sup>4</sup> Charles-Edouard Jeanneret-Gris, mais conhecido pelo pseudônimo de Le Corbusier, (nasceu em 1887 e morreu em 1995) arquiteto, urbanista e pintor francês de origem suíça. É considerado juntamente com Frank Lloyd Wright, Alvar Alto, Mies van der Rohe e Oscar Niemeyer, um dos mais importantes arquitetos modernistas.

imaginada uma organização internacional dos *standards* de construção. Portanto, a casa é “uma máquina de morar” (LE CORBUSIER, 2004).

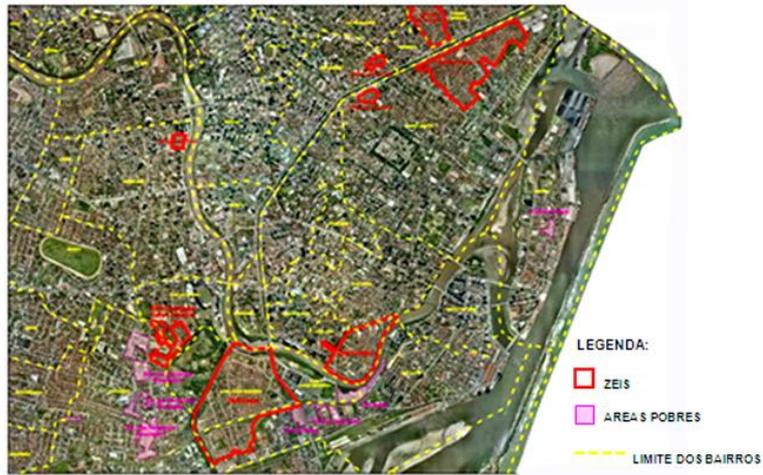
Essa proposta, como era de se esperar, não se concretizou. A produção padronizada de moradias se apresentou ineficaz causando inclusive protestos e demolições como a implosão em 1972 do conjunto Pruitt-Igoe, construído em 1955 e localizado em Saint Louis, EUA (Fig. 2). Esse conjunto foi concebido segundo os princípios modernistas. Alguns anos depois apresentava altos índices de violência entre seus moradores e as áreas comuns eram consideradas deprimentes. Alguns autores consideram, a sua demolição como “o fim oficial” do movimento modernista na arquitetura e no Urbanismo.



**Figura 2.** Implosão de Pruitt-Igoe. 1972 em Saint Louis, EUA. Fonte: [www.flickr.com/photos/fotocity](http://www.flickr.com/photos/fotocity). Acessado em 17.11.2009.

A promessa de uma sociedade mais justa e livre, assentada na criação da riqueza, se tornaria possível pela conversão da ciência em força produtiva. A morada do homem - a casa e a cidade - receberiam os reflexos diretos dessa “prosperidade”. No entanto foi constatado, ao longo da era moderna, à espoliação do chamado terceiro mundo e a consolidação do abismo entre pobres e ricos. A moradia da população pobre é insalubre, não obedece a padrões mínimos de conforto e está espalhada por vários lugares do mundo na condição de excluídas socioespacialmente. Em Recife-PE observa-se, pela imagem de satélite (Fig. 3), a distribuição espacial dessas áreas no núcleo urbano. Em destaque a Comunidade do Pilar e Caranguejo Tabaiães, área pobre e Zeis, respectivamente.

A Figura 4 mostra as casas de madeira e as ruas, a estrutura das moradias das 468 famílias na Comunidade do Pilar, localizada no bairro do Recife e assentadas desde 1970. A Figura 5 mostra as palafitas, à margem do Braço Morto do Rio Capibaribe, onde estão assentadas, também desde a década 1970, 958 famílias da Comunidade Caranguejo Tabaiães, localizada no bairro de Afogados (Prefeitura do Recife, 2008).



**Figura 3.** Imagem de satélite do centro de Recife-PE. Fonte: Prefeitura do Recife (2007).



**Figura 4.** Moradias da Comunidade do Pilar, Bairro do Recife-PE. Fonte: Bessoni (2008).



**Figura 5.** Moradias da Zeis Caranguejo Tabaiaras, Bairro de Afogados, Recife-PE. Fonte: Galindo (2008).



**Figura 6.** Morro na Favela da Rocinha, Rio de Janeiro-RJ, 2005. Fonte: [www.ViajeAqui.com.br/Fotos](http://www.ViajeAqui.com.br/Fotos). Acesso em 18.11.2009.



**Figura 7.** Favela Abençoada por Deus, margem do rio Capibaribe, Recife-PE. Fonte: Prefeitura do Recife (2006).

Enquanto alguns acreditavam e preconizavam a universalização de moradias salubres, a proliferação de favelas e a ocupação de áreas ambientalmente frágeis se reproduziam em vários lugares do mundo. Os pobres sem poder desfrutar da segurança habitacional “universalizada” apresentaram a sua versão de “domínio da natureza”, construindo as suas casas nas margens dos rios, lagos e nos morros (Fig. 6 e 7).

## **1.2. Da Modernidade à Pós-Modernidade**

Não se pode discorrer a cerca do conceito de pós-modernidade sem levar em consideração a análise de Castoriadis (1992).

Como foi exemplificada nos parágrafos anteriores, a cidade e a moradia modernista, apesar de terem sido idealizadas sobre os princípios da igualdade e da universalidade onde o domínio da natureza e a evolução da ciência, seriam capazes de proporcionar a humanidade às condições mínimas de conforto em casa e na cidade, conseqüentemente a inclusão sócioespacial dos mais pobres. Constatamos que esse ideal não foi alcançado. O que dizer então da pós-modernidade?

Segundo Castoriadis (1992), a pós-modernidade é um rótulo que caracteriza bem o estado decadente em que vivemos: “uma sociedade incapaz de se autodefinir como alguma coisa positiva, ou somente de se definir como alguma coisa que não seja referência ao que ela não é mais”. Para ele, o próprio termo “moderno” já é extremamente infeliz, visto que sugere que a evolução histórica da humanidade atingiu seu fim e que vivemos num presente perpétuo. Com uma tendência de anular o desenvolvimento anterior e a considerar apenas o desenvolvimento presente. Portanto, se considerarmos verdadeira a análise de Castoriadis (1992), podemos afirmar que o termo “moderno” carrega, em si, muitos problemas além daqueles relativos às suas pretensões frustradas de transformações igualitárias e universalizadas.

O termo pós-moderno, então, já carregado de descréditos “dissemina a idéia de que seu estilo é a falta de estilo e seu sentido é o sem sentido”, demonstrando que vivemos em uma sociedade em crise de identidade, por ser incapaz de criar uma imagem de si própria que não seja vinculada às épocas anteriores. Como caracteriza do texto abaixo:

O valor do “pós-modernismo” como teoria é refletir servilmente e, portanto, fielmente as tendências dominantes. Sua miséria é fornecer delas apenas simples racionalização por trás de uma apologética pretensamente sofisticada, mas que não passa de expressão do conformismo e da banalidade. Digerindo-se

agradavelmente com os discursos fúteis, tão em moda, sobre o “pluralismo” e o “respeito da diferença”, o “pós-modernismo” deságua na glorificação do ecletismo, na recuperação da esterilidade, na generalização do princípio que “tudo o que funciona é válido”, tão oportunamente proclamado por Feyerabend em outro domínio. Sem sombra de dúvida, a conformidade, a esterilidade e a banalidade, o “tudo bem” são os traços característicos desse período. O “pós-modernismo”, honrado com um “complemento solene de justificação” pela ideologia, apresenta o mais recente caso de intelectuais que abandonam sua função crítica e aderem com entusiasmo àquilo que é assim, simplesmente porque assim é. O “pós-modernismo”, como tendência histórica efetiva e como teoria, é seguramente a negação do modernismo (CASTORIADIS, 1992, p.25).

Se considerarmos a afirmação de que “o pós-modernismo, como tendência histórica efetiva e como teoria, é seguramente a negação do modernismo”. Podemos dizer que esse movimento não considera que o controle da ciência e o domínio da natureza sejam suficientes para proporcionar liberdade de escolha e de melhores condições para a humanidade.

No tocante a inclusão sócioespacial dos pobres, nas cidades, o uso da tecnologia e a possibilidade de padronização da habitação se mostraram reféns do capitalismo ascendente que tem como máxima a competitividade que promove extremas desigualdades.

O “movimento” pós-moderno admite a contradição, mas não apresenta alternativa por ser também respaldado pela economia capitalista onde a sociedade de classes é inerente. Para Harvey (2007), o pós-modernismo pode ser caracterizado pelo processo de transformação de uma sociedade de acumulação Fordista para a Flexível, e que esta transformação foi acompanhada de novas tecnologias que orientavam o ato de se fazer e refazer humano, mudando, assim, as formas organizacionais em que a sociedade estava estruturada. Portanto, houve mudanças na estrutura organização do capital, mas não mudou o formato competitivo e a distribuição de riquezas se encontra ainda mais desigual. Portanto, lançar um olhar sobre uma Comunidade pobre no Nordeste do Brasil, tentando identificar onde ela se encontra com a modernidade é um grande desafio.

### 1.3. Caracterização da Comunidade do Pilar

Historicamente, a área central do Recife, considerada área de preservação, já vivenciou inúmeras intervenções, em nome da “modernização” e da qualificação urbana, mas que resultaram em processos de caráter seletivo e excludente.

A ocupação da Comunidade do Pilar teve seu início quando o Porto do Recife, ainda pertencente à Portobrás, desapropriou e demoliu seis quadras situadas entre a Fábrica do Pilar e o Moinho Recife. As demolições foram feitas para a execução de obras contidas em um projeto de expansão do Porto, a qual não se efetivou. O terreno vago, pelas quadras que foram demolidas, foi sendo ocupado gradativamente por famílias de baixa renda, que trabalhavam com as atividades portuárias e industriais do bairro e também com àquelas famílias que trabalhavam nos setores de comércio e serviços informais do bairro e de outros localizados da área central da cidade.

Com efeito, 72,4%<sup>5</sup> dos moradores do Pilar trabalham em bairros da referida área central: do Recife, de Santo Antônio e de São José. Pesquisas do IBGE (2000) apontam que 54,23% dos moradores têm idade entre 15 e 59 anos e que constituem hoje, predominantemente, a maioria da população residente no bairro do Recife, vivendo em condições precárias de habitabilidade. A Tabela 1 mostra uma síntese das condições socioeconômica da comunidade, feita pela Prefeitura do Recife em 2007.

**Tabela 1.** Condições socioeconômicas dos moradores do bairro do Recife.

Numero de famílias	458
População residente	1832
Idade dos chefes de domicílio	Entre 18 a 67 anos
Escolaridade do chefe de domicílio	Máximo 5 anos de estudo
Condição de Trabalho	Atividade informal, 70% sem carteira assinada.
Renda média mensal	1 salário mínimo

Fonte: Cadastro para regularização fundiária da Comunidade do Pilar-Prefeitura do Recife. Novembro, 2007.

A situação de precariedade da área do Pilar está associada a um modelo de organização sócioespacial seletivo e concentrador de renda, que favorece a concentração de pessoas sem acesso aos bens e serviços produzidos pela modernidade. O que, agrava as

<sup>5</sup> Dados encontrados no Programa de requalificação urbanística do Pilar, 2002

condições sócioespaciais de vida no lugar, pois essa comunidade se encontra separada da sociedade moderna por um grande fosso de desigualdades.

Em 1987 eram 89 famílias, em 1998 eram 370 e, em 2007, já se tinha 458 famílias na área, conforme a Prefeitura do Recife (2008). Elas vivem em barracos numa situação de existência bastante precária, sujeitos a todo tipo de violência (Fig. 8).



**Figura 8.** Casas em “rua” na Comunidade do Pilar Bairro do Recife PE. Fonte: Nery & Bernardi (2009).

Alguns barracos têm instalado, à sua frente, atividades comerciais de lanchonetes e bares cujos freqüentadores são, basicamente, trabalhadores do Porto e das fábricas vizinhas. Segundo a Prefeitura do Recife, em 2003, alguns desses comerciantes foram incluídos no Programa de Desenvolvimento da Economia Social e Solidária, passando a ocupar, com barracas devidamente padronizadas, outras áreas do bairro do Recife que, nos dias dos eventos, recebem grandes fluxos de pessoas. Esses mesmos comerciantes também participam das atividades festivas desenvolvidas nos pátios da Prefeitura, onde possuem prioridade quanto à locação de suas barracas. Essas ações funcionam como atenuadoras da situação de vida das pessoas envolvidas, na medida em que, se passa a reconhecer os seus problemas.

Da mesma maneira, devem-se considerar as condições de vulnerabilidades apresentada pela falta de infra-estrutura socioambiental desses moradores (Fig. 9 e 10).



**Figura 9.** Crianças moradoras do Pilar.

**Fonte:** Nery & Berbaridi (2009).



**Figura 10.** Jovem moradora do Pilar.

**Fonte:** Bessoni (2008).

Os seus barracos não diferem dos de nenhuma outra favela do Brasil, mas o fato de estarem fixados numa área de preservação histórica, no caso a (ZEP-9)<sup>6</sup> lhes proporciona um forte diferencial do ponto de vista do valor imobiliário, influenciando fortemente nos destinos dos seus moradores.

No que concerne aos serviços públicos existentes no Pilar, observa-se a presença de uma escola municipal e um posto de saúde da família.

A forma espacial da área é representada, figurativamente, como uma fortaleza, que os exclui fisicamente da cidade (Fig. 11). A comunidade está encravada entre os edifícios da fábrica do Pilar e do Moinho Recife, em três dos seus lados e no outro por edifícios antigos subutilizados.

Sua disposição espacial favorece a execução de práticas de atividades ilícitas que contribuem para a sobrevida de algumas famílias da área, o que, por seu lado, reprime o surgimento de lideranças, a participação e representatividade dos moradores do lugar junto às instâncias governamentais onde se elaboram e discutem os projetos e programas para a área.

Os moradores do Pilar vivem, predominantemente, da informalidade, em condições econômicas precárias, com atividades de serviços e comércio de rua.

Alguns deles estão submetidos a atividades ilegais, favorecidas principalmente pela sua localização geográfica, isto é, por se achar próxima ao Porto e por estarem “protegidos” pelo seu “isolamento” físico.

---

<sup>6</sup> ZEP 9 – Zona Especial de Preservação Histórica – de acordo com a Lei de uso e ocupação do Solo do Recife de 1996.



**Figura 11.** Vista da comunidade. Fonte: Nery (2009).

É bem possível que por esses motivos, os moradores não possuem associação comunitária e não participam, segundo a Prefeitura, ativamente das plenárias do Orçamento Participativo e, conseqüentemente, não possuem delegados atuantes, ou seja, representante eleito pelos moradores do lugar para discutir as prioridades do orçamento municipal junto à gestão pública. E assim, se constituem em um grupo social fragmentado e pouco mobilizado, o que os torna ainda mais frágeis para concretizar qualquer processo de inclusão socioespacial, deixando o caminho livre para a consolidação de experiências urbanísticas que podem levar a gentrificação do lugar. Como explica o texto a seguir:

O termo gentrificação foi utilizado pela primeira vez por Ruth Glass no início dos anos sessenta [...] para descrever o processo mediante o qual famílias de classe média haviam povoado antigos bairros desvalorizados do centro de Londres, ao invés de se instalarem nos subúrbios residenciais, segundo o modelo até então dominante para essas classes sociais. Por essa noção a autora compreendia, ao mesmo tempo, a transformação da composição social dos residentes de certos bairros centrais, por meio da substituição de camadas populares por camadas médias assalariadas; e um processo de natureza diferente: o de investimento, reabilitação e apropriação, por essas camadas sociais, de um estoque de moradias e de bairros operários ou populares (BIDOU-ZACHARIASSEN, 2006, p.22).

#### 1.4. A “modernidade” anunciada a Comunidade do Pilar

Neste momento apresentamos as propostas de intervenção contida no Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social do Pilar – PRUISC. Que foi apresentado, pela Prefeitura do Recife, em 2007, à comunidade e a sociedade. O programa vislumbra a mudança das condições atuais em que vive a Comunidade do Pilar, instaladas no Bairro do Recife desde a década de 1970. Um dos jornais locais registra o acontecimento com a seguinte manchete: “Obras do PAC vão mudar a cara da favela do Pilar”<sup>7</sup>.

Concretamente, a proposta apresentada aos moradores contém as seguintes ações: construção de 470 unidades habitacionais para as famílias que hoje moram em barracos, uma escola com atividades em tempo integral, nos três turnos e nos finais de semana, uma creche, um posto de saúde da família e um centro comercial que deverá abrigar açougue, padaria mercearia, pequenos serviços, loja de confecção e venda de artesanatos, além de abrigar a estação de rádio comunitária já existente na área. Toda a infra-estrutura urbana será contemplada no programa, com pavimentação, drenagem, água, luz e saneamento. Uma obra orçada em R\$ 37.000.000,00 dos quais 70% serão oriundos do Programa Federal de Aceleração do Crescimento (PAC) e 30% do governo municipal. A Igreja Nossa Senhora de Pilar será restaurada e à sua frente será construída uma praça que se abrirá para a Avenida Alfredo Lisboa, integrando, fisicamente, a área ao Bairro do Recife (Fig. 12).



**Figura 12.** Perspectiva da Praça em frente à Igreja do Pilar e a Av. Alfredo Lisboa. Fonte: Prefeitura do Recife, 2008. Fonte: Nery (2009).

O Programa ainda prevê a elaboração de um plano de desenvolvimento social, proporcionando também aos moradores do Pilar, em linhas gerais, a capacitação das pessoas para a sua inserção na dinâmica econômica e social do bairro. Isso através do desenvolvimento de suas competências e das suas habilidades identificadas no decorrer da implantação do trabalho social. As atividades de comércio e serviços já existentes no lugar

<sup>7</sup> Título da matéria do Jornal do Commercio, um jornal de grande circulação no estado.

também serão incluídas na proposta, segundo a própria Prefeitura do Recife (2008), como alternativas concretas de trabalho e renda.

Do ponto de vista da modernização na construção de casas e da cidade, podemos dizer que os moradores do Pilar irão, finalmente, desfrutar da evolução tecnológica da era moderna. Suas casas terão água, luz, instalações sanitárias e as aberturas possibilitarão salubridade ao lugar. As ruas serão asfaltadas e possuirão um sistema de drenagem eficiente e esgotamento sanitário. Podemos também dizer que se trata de uma modernização tardia considerando que a era moderna já tem mais de um século e que a arquitetura e o urbanismo moderno vislumbraram, há muitas décadas atrás, um padrão mínimo de moradia para população das cidades, com garantia de salubridade.

Mas essa modernidade apesar de tardia está sendo recebida com muita euforia pelos moradores. Mas é necessário que se destaque que a transformação da área num lugar salubre não garantirá a entrada dos seus moradores na era moderna e muito menos poderá garantir sua inclusão sócioespacial.

Essa população está muito distante, no tempo e no espaço, da modernidade. Elas fazem parte de um grupo social que não desfrutaram das benesses do “domínio da natureza e da tecnologia”. Foram e estão excluídos desse processo.

Enquanto para eles ter uma casa salubre e fixar-se ao solo com perspectiva de permanência é garantia de vida. A flexibilização econômica, um dos componentes, da pós-modernidade, desprende-se do solo, enquanto espaço fixo de permanência, destacando e distanciando grupos sociais diferentes.

O texto de Zygmunt Bauman, apresentado abaixo nos mostra o quão distante está essa comunidade da realidade vivida na modernidade e na pós-modernidade com o chamado capital flexível.

Em uma notável reversão da tradição milenar, são grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório, enquanto os da base da pirâmide – contra todas as chances – lutam desesperadamente para fazer suas frágeis, mesquinhas e transitórias posses durarem mais tempo. Os dois se encontram hoje em dia principalmente nos lados opostos dos balcões das mega-liquidações ou vendas de carros usados (BAUMAN, 2001, p.21).

A perspectiva apresentada pelo programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social do Pilar - PRUISCP para a geração de emprego e renda aos moradores, sem retirá-los dos seus próprios espaços de moradia, é uma estratégia importante à mudança das suas condições de vida e “modernização” do lugar. À medida que representa uma inovação no

sentido da tentativa de garantir a permanência, de um grupo social excluído, numa área de histórica, de grande valor imobiliário e cheio de significados.

Mas há de se ter sempre atenção para aos possíveis entraves, inerentes a processos de requalificação urbana em áreas de valor histórico que também incluem, em seus objetivos, a inclusão social. Esses se constituem em processos complexos e com enormes desafios para os gestores públicos e principalmente para os moradores do lugar.

Mas apesar dos entraves e conflitos que essa intervenção vivencia e vivenciará se estar diante de uma oportunidade. Apesar crise de identidade por que passa a nossa era, quanto a se intitular, associada às desigualdades sociais. Há de se encontrar instrumentos de superação ou minimização das grandes distâncias que separam classes sócias distintas. Uma delas, neste caso específico, poderá ser pela a participação da comunidade em todas as etapas do processo de transformação e modernização do seu lugar de vida, e pela construção do sentido de pertencimento e identidade tudo com autonomia e consciência de seu direito a cidade. Castoriadis (1992) aponta:

Que existe uma possibilidade de mudança e que esta depende do ressurgimento do projeto de autonomia individual e social, que um é impossível sem o outro, atrelado às novas atitudes humanas e novos objetivos políticos. Ou seja, uma nova condição da sociedade ocidental deveria surgir enquanto aspiração de todos os indivíduos, enquanto um projeto global (CASTORIADIS, 1992, p.9).

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A existência do Programa de requalificação urbanística e inclusão social do Pilar que propõe a garantia de permanência daquelas pessoas no seu lugar de vida e trabalho, desenvolvendo mecanismos de participação, pode efetivamente contribuir com a sua inclusão sócioespacial e sua modernização. Porém, a condição de permanência dos moradores, no Bairro do Recife, deve ultrapassar a escala da garantia do acesso à moradia e à infra-estrutura urbana, incorporando-os às redes sociais e econômicas “formais”. Isto porque, no curto ou médio prazo, eles poderão correr o risco de serem substituídos por outros moradores pertencentes a outras classes sociais que cobiçam aquele espaço.

Com mais de 20 anos após a elaboração do primeiro plano de revitalização para a área em apreço, se está defendendo a perspectiva acima colocada, o que é plausível visto que se trata de um lugar que foi construído por eles ao longo da história de vida de cada

morador, de cada família. Por se tratar, também de um lugar no qual e mediante o qual os moradores criaram vínculos de trabalho e de vida com as áreas do entorno. E também, pela necessidade, de se fazer uma intervenção para atender a totalidade de forma um pouco igualitária rompendo-se com os “nichos” de pobreza absoluta em meio a um contexto de propostas de reestruturação urbana e de recuperação da dinâmica econômica. Os moradores do Pilar devem estar envolvidos na elaboração e execução dos planos, que lhes concernirem. Desse modo, espera-se que as propostas de articulação entre os investimentos urbanísticos e a concretização efetiva da inclusão social, como apresenta o PRUISCP, possam efetivamente acontecer.

Naturalmente contrariando a lógica contemporânea, descrita por BIFO (2005) no texto abaixo, e conseguir ultrapassar o fosso que separa essa comunidade muito mais do que da modernidade, mas da cidadania.

O mercado competitivo é visto como único ambiente nas quais essas conquistas se torna possíveis, e a violência competitiva, a miséria e a marginalização são confederadas a um preço inevitável. Como a evolução da natureza com sua impiedosa seleção que elimina os fracos e permite fortes prosperar. Dessa forma, a sociedade humana não pode progredir a não ser graças a violência e à exploração. O trabalho, a produtividade, a competição são considerados valores guia aos que tudo deve ser sacrificado (BIFO, 2005, p.15).

### **3. REFERÊNCIAS**

RECIFE, PREFEITURA DO. 1998. **Plano específico de Revitalização da zona especial de preservação do patrimônio histórico cultural**. Lei municipal 16.290/97. PERNAMBUCO, Governo de Estado de. Plano Diretor da Região Metropolitana do Recife –FIDEM.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. 2000. **A Cidade do pensamento único**. São Paulo. Editora Vozes.

BAUMAN, Z. 2001. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. 2006. **De volta à cidade. Dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo. Editora Annablume.

CASTILHO, C.J.M. de. 2000a. **A turistificação do espaço da cidade de Recife: uma estratégia para o desenvolvimento sócio-espacial local?** Espaço e geografia, Brasília, v. 3, nº.1, p.161-176, jan./jun.

CASTORIADIS, C. 1992. **As Encruzilhadas do Labirinto III – O Mundo Fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GUIZZE, C.L.C. 2009. **Jamais fomos modernos: uma reflexão sobre a modernidade na atualidade**. Disponível em: <http://www.fau.ufrj.br>. Acesso em 18/11/2009.

HARVEY, D. 1996. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre a origem da mudança cultural**. São Paulo: Loyola.

LE CORBUSIER 2004. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva. Coleção estudos; 27 / dirigida por Guinsburg.

MARICATO, E. **Dimensões da tragédia urbana, 2002**. Disponível em: <http://www.consciência.br>. Acesso em 12 maio 2007.

NERY N.; CASTILHO, C.J.M. 2008. **“Programa de Requalificação Urbanística e Inclusão Social da Comunidade do Pilar”**: Uma Reflexão sobre as Possibilidades de Inclusão Social dos Moradores. 7º Colóquio de Transformações Territoriais do Comitê Acadêmico de Desenvolvimento Regional da AUGM- Associação de Universidades Grupo Montevideu. Curitiba-PR.

RECIFE, Prefeitura. 2007. **Programa de requalificação urbanística e inclusão social da comunidade do Pilar- PRUISCP**.

SHIFFER, S.R. 2002. **La conservación urbana y La superación de la pobreza**. Gestão do Patrimônio Cultural Integrado, CECI. Recife. Editora da Universidade de Pernambuco.

TAURO D. VE.; SILVA, V. da V. 2007. Olhando a sociedade contemporânea sob a ótica de Cornelius Castoriadis (1922-1997). **Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 4-22.

ZANCHETI S.; LACERDA N. 1999. A Revitalização de Áreas Históricas como Estratégia de Desenvolvimento Local: Avaliação do caso do Bairro do Recife. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 30, n. 1, p. 8-24.

ZANCHETI, S.; MARINHO, G.; LACERDA, N. (Org.). 1998. **Revitalização do Bairro do Recife. Plano, Regulação e Avaliação**. Ed. Universitária da UFPE.